

LIVROS QUE AJUDAM A PENSAR E A CONVERSAR - O olhar de professoras na Educação Infantil

Bárbhara Elyzabeth Souza Nascimento ¹

Ana Carolina Perrusi Brandão ²

Resumo

Com base na concepção sociointeracionista de leitura, pesquisas com professoras (NASCIMENTO, 2009; 2012; 2021; BRANDÃO, BEZERRA, SILVA, 2021) têm destacado a importância da escolha do livro de literatura enquanto artefato cultural para a mobilização de conversas com crianças sobre o texto e temas suscitados por ele. Tais pesquisas também têm constatado que a leitura e a conversa nas rodas de história podem provocar reflexões que ampliam as perspectivas das crianças, alimentando sua imaginação e a construção de um olhar mais reflexivo sobre o mundo e sobre si mesmas. Considerando que ler com prazer não se contrapõe a uma ação pedagógica intencional, neste artigo, buscamos explorar a seguinte pergunta: que livros podem ajudar crianças da Educação Infantil a exercitarem o pensamento crítico e criativo nas rodas de história? Com essa intenção, solicitamos a três professoras que atuam em instituições públicas do Recife com crianças entre 4 e 6 anos e que, regularmente, planejam e conduzem sessões de leitura e conversa com seus grupos, que selecionassem alguns livros. As obras indicadas pelas docentes foram analisadas e distribuídas em três categorias: textos em prosa ou em versos que podem mobilizar pontos de vista diferentes; livros de imagens que exploram a criatividade do pensamento e convocam, de modo mais direto, a expressão das crianças; livros que estimulam a reflexão sobre temas específicos. Concluímos que as 11 obras selecionadas pelas professoras

¹ Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8850954490378602>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4918-8879>. E-mail: barbhara@pesqueira.ifpe.edu.br.

² Mestre em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco (1994) e PhD em Psicologia pela University of Sussex (2004). Em 2015-2016 realizou pós doutorado na University of Oxford. É professora titular do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), desenvolvendo atividades de ensino e orientação de estudantes do curso de Pedagogia e da Pós-graduação em Educação. É membro do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL / UFPE), onde participa de atividades de formação de professores e de produção e análise de materiais didáticos. Desde 2012, também exerce a função de Coordenadora de Ações Pedagógicas no Centro Municipal de Educação Infantil Professor Paulo Rosas que funciona no campus da UFPE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8101-927X>. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6442152442379368>. E-mail: ana.brandão@ufpe.br.

apresentavam boa qualidade gráfico-editorial e potencial para mobilizar o pensamento crítico e criativo das crianças com perguntas para as quais não há respostas prontas.

Palavras-chave: Educação Infantil; Livros de literatura infantil; Mediação de leitura.

BOOKS THAT HELP YOU THINK AND TALK - The perspective of children's teachers in Early Childhood Education

Abstract

Based on a socio-interactionist conception of reading, research with teachers (NASCIMENTO, 2009; 2012; 2021; BRANDÃO, BEZERRA, SILVA, 2021) has highlighted the importance of choosing a literature book as a cultural artefact for mobilising conversations with children about the text and the themes it raises. This observation is based on the idea that reading and talking in story circles can provoke reflections that broaden children's perspectives, fuelling their imagination and building a more reflective view of the world and themselves. Considering that reading for pleasure is not opposed to intentional pedagogical action, in this article we seek to explore the following question: which books can help pre-school children exercise critical and creative thinking in reading sessions? With this in mind, we asked three teachers who work in public institutions in Recife with children aged between 4 and 6 and who regularly plan and conduct reading and conversation sessions with their groups, to select some books. The books recommended by the teachers were analysed and divided into three categories: texts in prose or verse that can mobilise different points of view; picture books that explore the creativity of thought and call on children to express themselves more directly; and books that encourage reflection on specific themes. In our analysis, we also observed the teachers' selection process as they refine their approach, taking into account the books they already know and appreciate, as well as the children's interests. We concluded that the 11 books chosen by the teachers had good graphic-editorial quality and the potential to mobilise children's thinking with questions to which there are no ready answers.

Keywords: Early Childhood Education; Children's literature books; Reading mediation.

LIBROS QUE AYUDAN A LOS NIÑOS A PENSAR Y HABLAR: La perspectiva de los docentes de Educación Infantil

Con base en la concepción sociointeraccionista de la lectura, investigaciones con niños de 4 a 6 años (NASCIMENTO, 2009; 2012; 2021; BRANDÃO, BEZERRA, SILVA, 2021) han resaltado la importancia de elegir un libro de literatura como artefacto cultural para movilizar conversaciones con los niños sobre el texto y los temas levantado por él. Estas investigaciones también confirmaron que la lectura y conversación en círculos de cuento puede provocar reflexiones que amplían las perspectivas de los niños, alimentando su imaginación y construyendo una mirada más reflexiva sobre el mundo y sobre ellos mismos. Considerando que leer por placer no se opone a una acción pedagógica intencional, nos preguntamos: ¿qué libros podrían ayudar a los pequeños a ejercitar el pensamiento crítico y creativo en los círculos de cuentos? Con esta intención, pedimos a tres docentes que actúan en instituciones públicas de Recife con niños entre 4 y 6 años y que regularmente planifican y dirigen sesiones de lectura y conversación con sus grupos, que seleccionaran algunos libros. Los trabajos indicados por los profesores fueron analizados y distribuidos en tres categorías: textos en prosa o verso que pueden movilizar diferentes puntos de vista; libros ilustrados que exploran la creatividad del pensamiento y llaman, de manera más directa, a los niños a expresarse; libros que incentivan la reflexión sobre temas específicos. Concluimos que los 11 libros elegidos por los profesores tenían buena calidad gráfico-editorial y potencial para movilizar el pensamiento crítico y creativo de los niños con preguntas para las que no hay respuestas preparadas.

Palabras clave: Educación Infantil; Libros de literatura infantil; Mediación Docente.

INTRODUÇÃO

Na defesa de uma formação leitora comprometida com a cidadania e, conseqüentemente, com o exercício do pensamento crítico e criativo (LIPMAN, 1995; GADOTTI, 2008; YUNES, 2005), pesquisadores, professores e famílias têm se deparado com certas questões na escolha de livros de literatura para ler com as crianças: o que pode ser considerado um texto literário de boa qualidade? o que observar nas ilustrações? haveria temas mais próximos do interesse das crianças ou qualquer tema poderia, em princípio, ser foco de sua atenção?

Partindo da ideia, tal como ressalta Iser (1996), de que o bom texto literário propicia deleite, reflexão e transformação, é imprescindível que os educadores selecionem livros que apresentem qualidades estéticas, oferecendo possibilidades imaginativas e reflexivas, capazes de despertar o

desejo pela leitura, provocar emoções e contribuir para a formação de leitores/ ouvinte ativos.

Nas rodas de histórias, uma atividade que comumente faz parte da rotina na Educação Infantil, a escolha do livro de literatura é, portanto, um dos elementos fundamentais quando se pensa no papel da professora que conduz a leitura e a conversa com as crianças (BRANDÃO, ROSA, 2010a). De fato, boas obras nos instigam a pensar e a conversar, alimentam a nossa imaginação e nos convidam a exercitar a empatia, conhecer novas perspectivas, contribuindo para a formação de leitores mais exigentes e criteriosos.

No presente artigo, fruto de uma pesquisa maior que investigou a mediação docente nas rodas de história da Educação Infantil, nosso objetivo central é dialogar em torno da seguinte pergunta: que livros de literatura podem ajudar os pequenos a exercitarem o pensamento crítico e criativo nas rodas de leitura?

Para refletir sobre essa questão, com base nos fundamentos da pesquisa colaborativa (IBIAPINA, 2008; PIMENTA; FRANCO, 2008), solicitamos a três professoras de crianças entre 4 e 6 anos que, regularmente, planejam e conduzem sessões de leitura e conversa com suas turmas, que escolhessem alguns livros de literatura que, para elas, apresentassem potencial de mobilizar o pensamento crítico e criativo das crianças. No presente artigo, apresentamos uma análise das obras selecionadas por essas três docentes que atuam em instituições públicas da cidade do Recife.

Vale destacar que, partimos do princípio de que a maneira como a professora escolhe as obras e os critérios que utiliza para esse trabalho seletivo revelam a sua concepção de leitura, de criança e até mesmo do papel da Educação Infantil. Nesse sentido, entendemos que a atividade de seleção se converte em uma oportunidade formativa, já que ao buscar conhecer novas obras e/ou revisitar livros já conhecidos, há um investimento no olhar, na

reflexão sobre temas, sobre a qualidade do texto escrito, das ilustrações e do projeto gráfico da obra.

Nesse contexto, torna-se possível, por sua vez, o desenvolvimento do senso estético e de possíveis ressignificações por parte da professora em relação aos procedimentos referentes ao planejamento da leitura e da conversa em um processo de ação e reflexão sobre a própria prática (ZEICHNER, 1993).

MEDIAÇÃO DOCENTE NAS RODAS DE HISTÓRIA: O QUE DIZER SOBRE A SELEÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS

Considerando, assim como Bajour (2022), que a “escolha dos livros é a antessala da escuta...” (p. 27), enfatizamos a importância da opção por livros de literatura com textos abertos e capazes de promover encontros, desencontros, silêncios, imagens, desafios, atrações e rejeições por parte de participantes das rodas de leitura e conversa. Assim, também é preciso valorizar as escolhas, apreciações e críticas das crianças em relação aos livros. Afinal, o gosto por livros não é inato, mas construído por meio de experiências sociais e culturais.

Para Coelho (2000), os critérios que permitem o discernimento entre o bom e o mau texto para crianças não deveriam destoar daqueles que distinguem a qualidade de qualquer outra modalidade de criação. Dessa forma, a autora parece defender que os mesmos critérios utilizados para atribuir *status* de literário às obras clássicas ou cânones deveriam também ser utilizados como referências para a seleção de obras de literatura infantil e demais livros não literários.

Com base no princípio de que a escolha dos livros pressupõe o delineamento de critérios bem definidos, Riter (2009) destaca algumas características que podem ser identificadas em bons livros de literatura para os pequenos. São eles:

- a) Uso não utilitário da linguagem: ou seja, presença de musicalidade, ritmo, rimas e humor na construção do texto, uso de metáforas, aliterações;
- b) Vivência imaginativa: livros que instiguem os leitores a pensar e fantasiar a partir do mundo em que vivem;
- c) Independência de referentes reais, de forma direta: o que está representado estimula a fantasia e representa uma realidade possível;
- d) Formação de um mundo possível: ou seja, textos abertos, com lacunas a serem preenchidas e que, portanto, promovem uma interação maior com seus leitores;
- e) Plurissignificação: livros que possibilitam várias interpretações;
- f) Reserva de vida paralela: livros que transportam o leitor para experiências que extrapolam a realidade que ele experimenta;
- g) Captura do leitor: livros que ampliam os horizontes existenciais de seus leitores;
- h) Exigência da participação ativa do leitor: textos que exigem posicionamentos interpretativos de natureza crítica/reflexiva.

Além desses critérios de qualidade destacados por Riter (2009), Hunt (2010), ao ressaltar a relação sensorial que as crianças e adultos têm com o texto, chama a atenção para a relevância dos aspectos paratextuais e materiais da obra (a capa, fontes, encadernação, qualidade do papel, peso, tamanho, formato, título, ilustrações, cores, espaços em branco, espaçamento entre linhas, quantidade de diálogo, vocabulário, extensão das orações, nome do autor e editora). Segundo o autor, a disposição física do texto - escrito e imagético - nas páginas do livro alteram o modo como lemos o texto verbal.

Sobre as ilustrações, Brandão e Rosa (2010a, p. 47) nos convidam a responder as seguintes perguntas:

Existe uma boa articulação entre o texto verbal e as imagens? O leitor é convidado a ler os desenhos, fotos, colagens, conferindo-lhes significado? As imagens auxiliam a criança a

fazer sentido para a narrativa ouvida? As ilustrações têm valor estético, que tocam a sensibilidade do leitor? São engraçadas, inquietantes, bonitas?

De fato, consideramos que explorar imagens de uma obra literária pode, como ressaltam Haynes e Murriss (2012), render às crianças e suas professoras boas conversas, de natureza aberta, criativa e imaginativa.

Quanto aos critérios de seleção das obras, Teberosky e Colomer (2003) recomendam ainda evitar livros prescritivos, estereotipados e didáticos, dando preferência a obras que sejam mais ousadas, divertidas e aventureiras. As autoras também aconselham a não escolher livros de literatura apenas pelo “tema a ser trabalhado”, já que ao valorizar esse critério a tendência é desconsiderar qualidades estéticas, tais como as que foram citadas pelos autores acima. Nesse sentido, Teberosky e Colomer (2003, p. 167) alertam que “a melhor pergunta diante de um livro infantil nunca é: que tema se pode trabalhar a partir dele?”

Embora concordemos de que este não deva ser o ponto de partida, reconhecemos que, ao selecionar livros para ler e conversar com as crianças, é perfeitamente possível que a professora, em alguns momentos, busque obras sobre um determinado tema, seja movida por seu interesse e/ou do seu grupo de crianças. Assim, sob nosso ponto de vista, é preciso fazer diferença entre procurar um livro sobre um determinado tema, dentro de um acervo de obras literárias com qualidades estéticas e escolher um livro de literatura simplesmente pelo tema que se pretende discutir com as crianças.

Como se vê, o tema da seleção de livros de literatura nos coloca diante da importância de investirmos na formação leitora das professoras. Afinal, como selecionar bons livros se as professoras, por vezes, não se reconhecem leitoras e têm poucas oportunidades de conhecer e refletir sobre critérios de qualidade de obras literárias?

Considerando o interesse da presente pesquisa de explorar livros de literatura que contribuam para a formação de leitores/ ouvintes ativos que

pensam e discutem numa perspectiva ética, buscaremos examinar um conjunto de obras selecionadas por professoras de Educação Infantil, quando solicitadas a ler e a conversar com crianças de 4-6 anos sobre o texto e possíveis temas suscitados por ele.

No próximo item, abordaremos os procedimentos metodológicos adotados no estudo.

METODOLOGIA

De natureza qualitativa, o presente estudo se caracteriza como pesquisa colaborativa (IBIAPINA, 2008), em que o percurso para produzir e analisar os saberes das professoras é construído numa perspectiva espiral, cujo processo é cíclico, flexível e tem como ponto de partida a autoreflexão.

Como já foi anunciado antes, os dados apresentados e discutidos no presente artigo estão vinculados a uma pesquisa mais ampla que contou com a participação de três professoras de Centros Municipais de Educação Infantil da cidade do Recife. Na referida pesquisa foram observadas 23 sessões de rodas de leitura conduzidas por essas professoras, totalizando aproximadamente nove horas e meia de videogravações em uma sala do Grupo 4 (com crianças entre 4 e 5 anos) e duas salas do Grupo 5 (com crianças entre 5 e 6 anos). Ainda no âmbito dessa pesquisa foram produzidos dados complementares por meio de entrevistas semiestruturadas e conversas informais que ocorreram entre os intervalos das sessões de roda de história conduzidas por essas professoras. Durante as entrevistas, buscamos explorar a motivação das escolhas que elas faziam em relação aos livros que liam para/com os seus respectivos grupos, considerando o objetivo apresentado pelas pesquisadoras de que as obras selecionadas pudessem “instigar o pensamento crítico e criativo das crianças”. Os registros dessas conversas com as docentes foram gravados em áudio e transcritos literalmente.

Vale destacar que, as três docentes participaram de um curso de 12 horas que tratava sobre a mediação de leitura de textos literários na

Educação Infantil. O curso foi planejado e ministrado por nós e dirigido para todas as professoras e equipe da coordenação pedagógica de seis instituições públicas de Educação Infantil do Recife, no âmbito de um projeto de extensão, sob nossa coordenação, vinculado à Universidade Federal de Pernambuco.

Durante o curso, o tema da qualidade literária foi debatido e as professoras tiveram a oportunidade de conhecer, visitar e refletir sobre livros de literatura infantil que estavam disponíveis no acervo de sua instituição, assim como tiveram acesso a novos livros de literatura e não ficcionais de excelente qualidade. Todo esse material foi compartilhado ao longo do curso, despertando interesse das docentes, tal como ocorreu com a Coleção Pequenos Filósofos de Brenifier (2012).

As três professoras que, ao final do referido curso, atenderam ao nosso convite de participar da pesquisa tinham experiência de pelo menos seis anos de docência na Educação Infantil. Duas delas chamadas aqui de professora Aurora (Grupo 4) e professora Celeste (Grupo 5), tinham formação em Pedagogia, sendo a primeira especialista em Psicopedagogia e Estudos Afro-Brasileiros. A professora Luna, também do Grupo 5, tinha formação em Letras e mestrado em Teoria da Literatura. Todas elas apresentavam interesse pelo tema da literatura infantil e mediação de leitura, tendo a roda de história como uma atividade permanente no seu cotidiano com as crianças.

Neste artigo, nos propomos a refletir sobre o conjunto de livros de literatura infantil selecionados por essas três professoras, seguindo a orientação dada na pesquisa de que as suas escolhas tivessem como horizonte a indicação de obras capazes de mobilizar o pensamento crítico e criativo de seus grupos de crianças.

Na próxima seção, serão indicados os onze títulos selecionados por essas docentes, discutindo especificamente oito desses livros, explorando suas possibilidades para ajudar a pensar e a conversar nas rodas de leitura.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS LIVROS SELECIONADOS PELAS PROFESSORAS

Como foi possível constatar no decorrer dos encontros com as professoras participantes da pesquisa, as três eram leitoras experientes e na escolha dos livros demonstraram um apurado senso estético e crítico. As docentes do Grupo 5, Luna e Celeste, selecionaram obras que atendiam a uma grande diversidade, no que diz respeito aos textos e às suas “maneiras de dizer”. Com isso, elas ofereceram às crianças narrativas mais clássicas e outras mais modernas, abordando temáticas e autores diversos. As ilustrações dos livros, por sua vez, ora seguiam traços mais convencionais, ora instigavam de forma mais intensa a imaginação.

É interessante destacar ainda que entre as obras selecionadas pelas três professoras, algumas incluíram os chamados temas sensíveis, fraturantes ou polêmicos (BARROS; AZEVEDO, 2019). Tal opção sinaliza o potencial que as professoras reconhecem na proposta de ler e conversar nas rodas de histórias e seu entendimento de que esses temas sensíveis representam, também para crianças pequenas, um convite para o exercício do seu pensamento crítico. Dessa forma, as escolhas das docentes revelam que as crianças têm interesse em textos que envolvem dilemas da nossa vida cotidiana. De fato, como destaca Colomer (2016, p. 99):

Em todos os tempos a literatura cumpriu essa função socializadora simplesmente porque fala dos humanos, ou seja, porque nos permite ver com os olhos dos outros como as pessoas podem sentir, como avaliam os fatos, como enfrentam os seus problemas ou ainda o que significa seguir ou transgredir as regras, em cada caso.

Nesse sentido, não consideram absurda a ideia de apresentar as crianças pequenas, livros que contemplem experiências, conflitos ou situações associadas, por exemplo, ao medo, à morte ou à solidão. Como veremos mais adiante, a professora Celeste, por exemplo, selecionou um livro cartonado, intitulado “Mundo Cruel” que apresenta 14 cenas retratando situações

independentes, mas que integram uma narrativa não linear, abordando o tema da “crueldade”.

Podemos afirmar, portanto, que os livros selecionados pelas três docentes preservavam um elemento comum: a busca por qualidade dos textos, das ilustrações e dos temas. Mesmo quando era visível o objetivo das professoras de selecionar um livro para conversar sobre determinados assuntos, suas escolhas também levavam em consideração o interesse sinalizado pelas crianças e a qualidade textual, temática, gráfica e editorial das obras.

Vejam, por exemplo, o que diz a professora Luna, ao falar sobre os livros que escolhes para as sessões de leitura com seu grupo de crianças de 5 anos:

Acredito que sim, foram boas escolhas! Aqui a gente recebe muitos livros e tem livros que a gente não indica [...] um texto não literário não dá espaço para você questionar, ele não dá essa oportunidade de questionamento e de imaginar outras possibilidades. Penso que a escolha de bons títulos faz um diferencial na roda de leitura, não é pegar qualquer livro que ele não vai permitir a gente a fazer isso. Senão tudo era boa literatura, né? Não é somente os clássicos, como referência. Nos nossos tempos atuais, há muita gente que escreve bem para crianças, né? Assim pra todas as idades... E, às vezes, num tem um texto de criança [só para criança] ou [só para] adultos. Isso é um texto (apontando para um dos livros que escolheu) para adultos e crianças. (Entrevista com Luna, outubro/2017).

Além de reconhecer que fez boas escolhas, a professora Luna também nos chama atenção para outro aspecto importante e que revela um olhar atento às crianças do seu grupo e para o que elas expressam em relação às escolhas dos livros lidos nas rodas de história. Vejamos:

Essa coisa que todo livro vai ter a mesma recepção, o mesmo interesse [...] pode ser que você vai abrir o livro e vai gostar. E, depois, vai acompanhando e percebendo que aquela história encantou mais e a outra deu mais papo, outra deu menos [...] você vai percebendo que isso vai acontecer. A leitura é uma experiência. Então, como é uma experiência,

não temos controle, né? Escapa da mão da gente. Então, elas (as crianças) podem gostar ou não. (Entrevista inicial com Luna, setembro/2017).

De fato, a escolha do livro é fundamental para a qualidade da conversa (BRANDÃO; ROSA, 2010a; 2010b), mas há também um elemento importante a considerar, ou seja, a participação das crianças e sua relação afetiva com determinadas obras. Assim, é preciso, tal como ressalta a professora Luna, observar a reação dos pequenos diante dos livros, o seu interesse ou não em folhear as obras a sós, o tempo que elas dedicam na interação com o livro, suas solicitações para que o adulto releia a obra, a intimidade que revelam em relação ao texto, antecipando ou não eventos na narrativa, entre outras possibilidades. Não por acaso, portanto, durante a pesquisa, as professoras Celeste e Luna escolheram alguns livros que já tinham sido lidos para as crianças outras vezes, como foi o caso do “Meu primeiro amor” (BRAZ, 2011) e “Leo e Albertina” (DAVENIER, 1998).

Ao que parece, a opção das duas professoras pela releitura das obras, também pode indicar uma expectativa de continuar e aprofundar uma conversa já iniciada. Afinal, em se tratando de uma releitura, as crianças já tiveram a chance de compreender melhor a narrativa, observar as ilustrações de modo mais detalhado e desenvolver uma relação mais próxima com os livros que já foram lidos. Dessa forma, essa proposta parece criar condições mais favoráveis para conversar e refletir sobre questões que vão além do que o texto diz, estendendo os horizontes da conversa ao ampliar as ideias das crianças e até mesmo a sua compreensão geral do texto.

Ainda a respeito da releitura, Teberosky e Colomer (2003) salientam que ela contribui para que as crianças memorizem os textos desenvolvendo com eles uma relação afetiva e familiar. Como sabemos, os pequenos gostam de escutar uma mesma história, principalmente, quando relembram um momento significativo, em que certas emoções e prazeres são revividos. Não por acaso, as crianças reagem diante do adulto que lê um texto de forma

diferente do que está escrito. As autoras também destacam que a releitura concede aos pequenos ouvintes-ativos um sentimento de segurança e controle da leitura realizada pelo adulto, ao tecer comentários sobre os personagens, títulos ou até mesmo ao fazer previsões de acontecimentos que se apresentam na narrativa.

Finalmente, Ferreiro (2007, p. 62) destaca que

o encanto das crianças pela leitura e a releitura da mesma história está relacionado, de fato, com a seguinte descoberta fundamental: a escrita fixa a língua, controla-a de tal modo que as palavras não se perdem, não desaparecem, nem se substituem umas às outras.

No Quadro 1, abaixo, apresentamos os títulos dos 11 livros selecionados individualmente pelas docentes e que foram organizados em três blocos.

Bloco 1: textos em prosa ou em versos que podem mobilizar discussões;

Bloco 2: livros de imagem que exploram a criatividade do pensamento e convocam, de modo mais direto, a expressão das crianças;

Bloco 3: livros que estimulam a reflexão sobre temas específicos.

Vale registrar que livros selecionados pelas professoras pertenciam ao acervo das instituições onde elas trabalhavam, eram do seu acervo pessoal ou foram conhecidos durante o curso de extensão a que nos referimos na seção de metodologia.

Quadro 1 - Livros selecionados pelas docentes.

OBRAS SELECIONADAS		PROFESSORAS		
		LUNA	CELESTE	AURORA
BLOCO 1	O guarda-chuva do vovô	X	X	
	Como gente grande	X		
	Berimbau	X		
	Princesa Arabela, mimada que só ela!	X	X	
	Meu primeiro Amor		X	
	Leo e Albertina		X	

	Chapeuzinho Amarelo		X	
	Passarinhando	X		
BLOCO 2	Mundo Cruel		X	X
	A questão de Deus		X	
BLOCO 3	Por que eu existo?		X	

Fonte: Elaboração das autoras.

Na seção seguinte, apresentamos oito livros entre os 11 títulos selecionados pelas professoras, indicados no Quadro 1. Considerando o nosso objetivo no presente artigo, daremos destaque à discussão sobre o potencial que cada obra oferece para instigar o pensamento crítico e criativo das crianças.

Livros de literatura que ajudam a pensar e a conversar nas rodas de história na Educação Infantil

O guarda-chuva do vovô (Bloco 1)

Figura 1 - “O guarda-chuva do vovô



Fonte: MOREYRA, Carolina; MORAES, Odilon. O guarda-chuva do vovô, 2. ed. São Paulo: Brochura, 2013 (p. 20-21).

O livro narra a história de um vovô que sempre recebia visitas do seu filho e da neta, mas “nunca saía do quarto”. Intrigada com a situação, a

menina tenta compreender o que se passa, já que, diante de suas inquietações, pairava o silêncio dos adultos. Certo dia, ao retornar à casa dos avós, ela encontra o quarto do vovô vazio e questiona sua ausência, mas ninguém fala nada. Na despedida da casa da vovó, começa a chover e ela recebe um presente, “o guarda-chuva do vovô”. No final da história, a neta parece ter compreendido o que realmente aconteceu e, nos dias chuvosos, gosta de abrir o guarda-chuva que agora é seu.

O texto e as ilustrações convidam os leitores a elaboração de inferências, tendo em vista que tanto a doença, quanto a morte do avô não estão ditas de maneira explícita. É preciso ler nas entrelinhas do texto e das ilustrações. E é justamente nesse clima de mistério que reside a estética da palavra na literatura, dizer de forma indireta, deixar que o leitor pense, invista nas subjetividades e possíveis portas de entrada do texto. Vejamos um trecho do livro que exemplifica bem isso:

Corri para o quarto, mas o vovô não tinha chegado. Perguntei e a vovó sorriu. E seus olhos ficaram pequeninhos. Na hora de ir embora, o tempo estava feio e a vovó falou pro papai tomar cuidado na estrada. Começou a chover e ela me deu um guarda-chuva. - O guarda-chuva do vovô! Mas ninguém disse nada. (MOREYRA; MORAES, 2013, p. 21-25).

Em nenhum momento, o texto fala de morte, mas o quarto vazio, o silêncio diante da pergunta da neta e o guarda-chuva que era do vovô e que no final é dado de presente à menina são pistas que colaboram para construir a ideia de que o avô morreu. De maneira leve e sensível, os autores nos convidam a acompanhar o enredo na perspectiva da criança (a neta), que vai aos poucos preenchendo os silêncios e observando as expressões faciais dos adultos. Ao nosso ver, é aí que capturamos adultos e crianças numa singela reflexão sobre o texto/tema.

Nesse contexto, é preciso, portanto, que a mediação da professora ofereça o tempo necessário para que os pequenos possam compreender “os não ditos” nos textos verbal e não verbal. Além disso, os personagens da

narrativa: a neta, o avô, a avó e o pai da menina têm fortes conexões com o universo infantil o que contribui para tornar o livro convidativo e instigante para conversar sobre um “tema sensível”, abrindo possibilidades de diálogo com experiências vivenciadas pelas crianças, comumente, silenciadas para “protegê-las de assuntos tristes”. Podemos ainda instigar as crianças a tecerem previsões, antecipar sentidos e, possivelmente, conectá-las aos pontos-chaves do texto: o avô, o guarda-chuva, a menina (neta) e a morte.

Em resumo, o livro apresenta um forte potencial para discussão e reflexão entre as crianças e sua professora. Afinal, o tema da morte, geralmente, é delicado, envolve crenças, experiências pessoais e diversas perspectivas de entendimento, o que possibilita um enriquecimento da conversa e representa uma oportunidade para os pequenos aprenderem uns com os outros sobre o tema. Em outras palavras, o texto dá margem para a professora questionar as crianças e convidá-las para um importante exercício numa roda que pretende estimular o pensar, ou seja, colocar-se na perspectiva do outro, no caso, da personagem (neta). Assim, seria possível conversar tanto sobre o texto em si, quanto sobre a morte, de modo mais geral. No caso da exploração do texto seria possível perguntar: por que o vovô estava sempre deitado na cama? (p. 11-14); o que deve ter acontecido para que o vovô não estivesse mais no quarto? por que o guarda-chuva, que era do vovô, agora é da menina? qual a razão para a menina gostar tanto dos dias chuvosos?

Com relação a discussão sobre o tema é possível formular perguntas como: você já vivenciou alguma experiência parecida com a da menina? conta para gente! como lidamos com a saudade que sentimos das pessoas que se foram? É possível ainda, simplesmente, explorar o conceito do que é morrer, sentir saudade, enfim, ouvir as crianças sobre esses temas.

Como gente grande (Bloco 1)

Em meio a um diálogo entre os textos verbal e não verbal, o autor de *Como gente grande* lança, de forma humorada, aos pequenos leitores uma lista do que “gente pequena e gente grande podem ou não fazer”. Assim o livro, apresenta o dilema: é melhor ser adulto ou ser criança? O texto, porém, deixa nas entrelinhas alguns elementos para as crianças refletirem que há perdas e ganhos, nas duas situações (ser adulto e ser criança).

Figura 2 - “Como gente grande”



Fonte: RICARD, Anouk. *Como gente grande*. Trad. Graziela Marcolin. São Paulo: Hedra, 2007.

Vejamos alguns trechos do livro:

Deve ser legal ser gente grande! É, mas quando a gente é grande tem um monte de coisa que a gente não pode fazer: Sentar numa cadeira de gente grande (na ilustração a criança está sentada numa cadeira enorme e com dificuldades para ver o que está sobre a mesa)/ Cadê minha mamadeira!; Quando a gente é grande, não pode mais brincar no banho. /Tchibum, Tchibum! (ao lado da imagem da criança na banheira tomando banho com brinquedos); Não pode sujar na hora de comer, quando a gente é grande/ Deve ser chato! (Anouk Ricard, 2007 - p. 14-15; 16-17; 24-25).

O texto convida as crianças a se posicionarem, ou melhor, a se colocarem na perspectiva do outro, exercitando habilidades imprescindíveis do pensamento, ao tentar entender o conflito do menino sobre ser adulto ou permanecer criança. Nessa direção, em diálogo com as ilustrações, podemos interromper a leitura em alguns momentos para conversar sobre, por exemplo, se as crianças discordam ou não dos argumentos e contra-argumentos apresentados pelo personagem.

Ao final da leitura, a professora também pode formular questões sobre o texto. Por exemplo: o menino do livro parece que preferia ser gente grande ou pequena? Por que você acha isso? Também é possível fazer perguntas articulando o que o diz o texto com as experiências das crianças. Por exemplo: assim como o menino, você já pensou como será sua vida quando você crescer e for gente grande? O que você pensou? Você prefere ser pequeno ou você acha que será melhor ser grande? Por quê?

Leo e Albertina (Bloco 1)

O texto narra a história de Leo, um porquinho romântico que se apaixona perdidamente por Albertina, uma galinha. Na tentativa de conquistá-la, Leo busca chamar a atenção de Albertina, imitando as qualidades que ele admirava em outros animais (o canto do galo, as cores do pavão, a rapidez do coelho e a força do touro). Mas, todas as vezes que tentava imitar as qualidades desses animais, sua presença não era notada pela amada. Cansado por não conseguir impressionar Albertina, o porquinho decide aceitar o convite de um amigo para brincar na lama. Nesse momento, Albertina, inesperadamente, começa a prestar atenção em Leo e percebe o quanto ele é divertido. Encantada, decide brincar com ele e, nesse encontro, Leo, finalmente, revela o seu amor dizendo em alto e bom som: “Eu te amo, Albertina!”.

Figura 3 - Capa e fragmento do livro “Leo e Albertina”



Fonte: DAVENIER, Christina. Leo e Albertina. São Paulo: Brinque-Book, 1998 (p. 4-5).

É possível identificar nesse livro a intenção da autora em convidar os leitores à reflexão sobre os nossos relacionamentos. Por meio de uma narrativa bem-humorada e criativa, acompanhada de ilustrações muito cuidadas, vamos aos poucos compreendendo e nos convencendo de que talvez seja melhor e mais fácil sermos nós mesmos.

Nesse sentido, o tema de “ser quem você é” pode vir à tona, evocando nossos relacionamentos interpessoais, o autoconhecimento e o ser autoconsciente. No caso das crianças, comumente, vemos que elas adotam comportamentos imitativos dos colegas ou adultos mais próximos que admiram. Como isso, tentam se encaixar nos grupos sociais em que convivem, buscando compreender o seu lugar no mundo e ao mesmo tempo se autoconhecer (VYGOTSKY, 2007). Certamente, desencadear uma conversa nessa perspectiva é apresentar desafios para os pequenos, alimentando-os com questões que os acompanharão, mesmo depois da roda de leitura, provocando, portanto, outros possíveis diálogos.

Um outro tema passível de discussão a partir da obra selecionada é o relacionamento com o diferente. Afinal, trata-se de uma paixão entre um porco e uma galinha, um relacionamento, certamente, inusitado.

Em resumo, podemos dizer que os textos verbal e não verbal nos convidam a pensar criticamente e criativamente por meio de perguntas que podem ser formuladas tanto sobre o texto (por exemplo: quando foi que Albertina começou a notar a presença de Léo? por que será que ela só começou a prestar atenção em Leo nesse momento?), como sobre os possíveis temas que indicamos acima (por exemplo, o que representa ser você mesmo? quando sabemos que estamos sendo nós mesmos?).

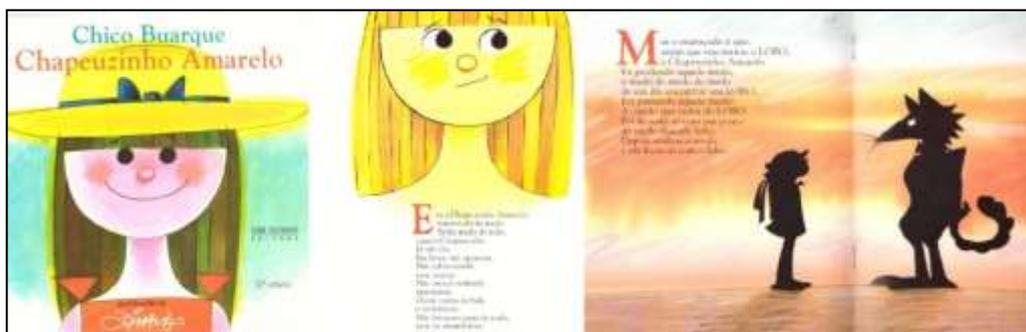
Vale salientar que este livro foi escolhido pela professora Celeste e era um dos casos, a que nos referimos antes, em que a professora selecionou um livro que já havia sido lido com as crianças. Em seu relato Celeste destacou que durante a primeira leitura, as crianças ficaram encantadas com as novas palavras/expressões do texto e, para ela, voltar ao livro daria oportunidade

para que as crianças aprofundassem sua compreensão do texto com mais tempo para conversar e refletir coletivamente.

Chapeuzinho Amarelo (Bloco 1)

O livro conta a história de uma menina que tinha medo de tudo, de trovão, de raio, de barata, de bruxa, de sair à rua, de brincar e até de falar para não se engasgar. E, assim, Chapeuzinho amarelo vivia parada, deitada, mas não dormia porque também tinha medo de pesadelo. De todos os seus medos, o mais assustador era o medo do lobo. Porém, ao ficar frente a frente com ele, a menina foi perdendo o medo do lobo e de todos os seus medos. O lobo virou “bolo”, o raio, virou “orráí”, a barata, virou “tabará”, a bruxa, virou “xabru”... No final da história, a Chapeuzinho, que era amarelada de medo, ficou rosadinha, como aparece na capa do livro.

Figura 4 - Livro “Chapeuzinho amarelo”



Fonte: BUARQUE, Chico. Chapeuzinho Amarelo. 32. ed. Ilustração: Ziraldo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012 (p. 12-13).

O livro, a apresenta um texto criativo, recheado de trocadilhos que, certamente, irão provocar boas risadas entre os pequenos, criando um clima de brincadeira com as palavras, expressões verbais e rimas. O título e as ilustrações de Ziraldo instigam a imaginação das crianças e provocam logo na capa uma relação intertextual, pois as crianças, com certeza, conhecem o conto clássico da Chapeuzinho Vermelho e, de imediato, são chamadas a

pensar: como assim Chapeuzinho Amarelo? por que esse título? por que ela usava um chapéu de cor amarela e não vermelha? que significado isso pode ter? Durante a leitura, compreender o que significa a expressão “amarelar” pode colaborar na construção de sentidos sobre o texto.

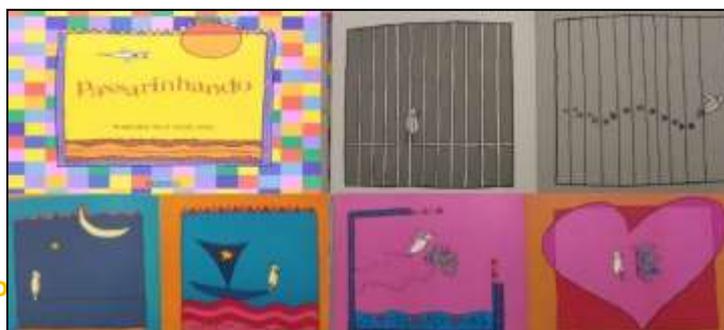
Além da brincadeira com as palavras e a beleza do ritmo do texto, o livro aborda um tema conhecido das crianças: o medo. Assim, muito provavelmente, haverá uma identificação dos pequenos com alguns dos medos de Chapeuzinho Amarelo, estabelecendo relações com suas experiências de vida. Nesse sentido, o livro convida para conversar sobre diversas questões de elaboração pessoal, tais como: você já sentiu medo de algo e depois deixou de sentir? o que você fez para o medo passar?

A professora Celeste, inclusive, decidiu utilizar a obra após uma longa conversa com as crianças sobre os seus maiores medos. Na ocasião, falaram sobre medo de tubarão, de assalto e de dormir sozinhos em casa, entre outros. Aproveitando, então, a possibilidade de estender a reflexão sobre um tema trazido pelas crianças, a professora decidiu ler a referida obra, que, segundo ela, trata-se de uma maneira leve e engraçada de lidar com o medo, um tema muito familiar às crianças e aos adultos.

Passarinhando (Bloco 2)

Trata-se de um livro de imagens, em que a sequência da narrativa visual sugere a saga de um passarinho que, ao sair da gaiola e conquistar a liberdade, descobre um mundo repleto de novas experiências, cores e olhares renovados que apenas um ser livre poderia contemplar e desfrutar.

Figura 5 - Livro “Passarinhando”



Fonte: CAVALCANTE, Nathalia de Sá. Passarinhandando. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2009 (p. 2-3; 8-9; 14-15; 18-19).

A obra oferece uma oportunidade para pensar sobre o conceito de liberdade, ao comparar a vida aprisionada do passarinho com a vida livre. Como trata-se de um livro de imagens, a narrativa pode ser vista como o voo da imaginação em que, tal como a autora sugere, o leitor deve “passarinhar” e se aventurar pelos traços delicados e multicoloridos das imagens.

Considerando que na mediação de leitura com livros de imagens a narrativa vai sendo construída oralmente num trabalho conjunto, entre a professora e as crianças, cabe a docente instigar o pensamento crítico e criativo dos pequenos, já que estão diante de um texto que, por sua natureza, é mais aberto que os livros com texto verbal.

Vale notar ainda que os livros de imagens possibilitam uma familiarização das crianças com a ideia de pensar, imaginar e criar para conversar. Para isso, na condução da leitura desses livros é fundamental valorizar o que as crianças estão percebendo nas sequências de ilustrações e, sobretudo, além delas, já que em vários momentos é preciso elaborar inferências (por exemplo, por que o mundo do passarinho vai mudando de cor ao longo da narrativa visual?) ou antecipar sentidos a partir de algumas situações vividas pelo passarinho (SANTANA, BRANDÃO, 2016).

Nesse sentido, ao explorar o livro, algumas questões poderiam mobilizar a conversa, por exemplo: o que aconteceu ao passarinho? como se tornou livre? como ele experimentou e experienciou a liberdade conquistada? uma discussão sobre o tema também pode ser mobilizada por questões mais abertas, tais como: o que é ser livre? como sabemos que alguém é livre? você se sente livre? por quê? se estivesse no lugar do passarinho, que lugares gostaria de conhecer? Por fim, as rodas com livros de imagens também

oferecem uma oportunidade para a docente aprender a mediar o silêncio, desenvolvendo a escuta das crianças e intervindo apenas quando necessário.

Mundo Cruel³ (Bloco 2)

Constituído de 14 ilustrações que representam diferentes situações do cotidiano em torno do tema da crueldade, o livro Mundo Cruel é o primeiro da Série Filosofia Visual para Crianças. A obra é praticamente formada por imagens e pequenas frases ou expressões verbais abaixo de cada uma delas. Reconhecemos, porém, que a obra não se encaixa exatamente na definição do que chamamos de “livro de imagens ou livro-imagem” (BELMIRO, 2014), nem corresponde ao que, comumente, chamamos de livro de literatura. Por outro lado, podemos dizer que ele se aproxima desses dois elementos, na medida em que, de maneira sensível e cuidadosa em relação ao pensamento infantil, explora imagens, acrescidas de recursos verbais (BELMIRO, 2014) que provocam crianças e adultos a confrontarem seus valores e ampliarem suas formas de ver o mundo, abordando questões de natureza ética e estimulando sentimentos de empatia, responsabilidade e alteridade.

Como foi dito acima, além das cenas que falam por si mesmas, abaixo de cada uma delas há legendas instigantes que apresentam pequenas falas de personagens que integram a situação retratada. Outras vezes, vemos expressões ou onomatopeias que complementam a situação. No verso dos cartões com as cenas, as autoras também sugerem algumas perguntas que podem ser feitas durante o diálogo com os pequenos a partir da sua observação das imagens. Por exemplo, diante da cena em que uma criança mata formigas, está a legenda: “Te peguei!” e são sugeridas algumas questões: “por que você acha que a menina está matando a formiga? você já matou uma formiga ou algum outro bicho de propósito? por que fez isso? as

³ Trata-se de um projeto gráfico cartonado em forma de livro-jogo, inspirado nas obras de autores como Bruno Munari e Katsumi Komagata, cujos livros exploram imagens criativas e que aguçam a imaginação das crianças.

formigas sentem dor? as formigas sentem medo? faz diferença?” Diante de outra cena de um leão comendo um cabrito, com a legenda: “Grr! Nham-Nham! Grrrr!”, são feitas perguntas como: “a natureza pode ser cruel? Explique”. A cena de uma criança chorando e lutando numa banheira com um adulto que a segura pelos braços, traz a legenda: “Quanto mais cedo você parar de chutar, mais cedo sairá da banheira!”. No verso do cartão há algumas sugestões de perguntas, entre elas: “o que você acha que está acontecendo? a cena é cruel? é cruel obrigar alguém a fazer algo que não queira? o que você faria se fosse pai ou mãe e seu filho estivesse muito sujo e não quisesse tomar banho?”.

Figura 6 - Livro “Mundo Cruel”



Fonte: DUTHIE, Ellen; MARTAGÓN, Aniela. Mundo cruel. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

Como as autoras ressaltam, Mundo Cruel, não é um livro ecológico, pró-vegetarianismo ou militante dos direitos dos animais, entre outros temas contemporâneos. É verdade, porém, que a conversa sobre certas cenas pode levar a reflexões sobre nossos hábitos de comer carne de animal, sobre a existência de zoológicos, sobre a importância (ou não) da vida de uma formiga. Muitas das cenas também contêm ações secundárias, paralelas à

principal, que levantam novas questões ou acrescentam complexidade à cena principal.

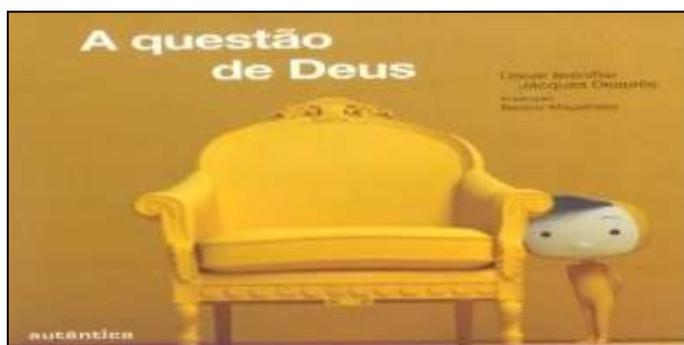
Assim, diversas questões filosóficas podem ser suscitadas quando, por exemplo, a crueldade é praticada por obediência à autoridade. Também há perguntas implicitamente presentes, tais como: como definimos crueldade? que critérios devem ser levados em consideração para avaliar a crueldade de uma ação? a crueldade é um fenômeno exclusivamente humano?

Em síntese, a partir da observação das imagens e da reflexão provocada pelas legendas e sugestão de perguntas de natureza bastante complexa, trata-se de um livro que, como destaca Duthie (2017), não vem com respostas prontas e que muito menos pretende conduzir a conversa entre os leitores a um ponto de chegada. Ao contrário, o que é oferecido às crianças e mediadores é um ponto de partida para observação, investigação e questionamento real do nosso mundo, da vida, dos nossos comportamentos e atitudes diante dele.

A questão de Deus (Bloco 3)

Partindo de questões universais sobre a crença em Deus, o livro pretende discutir o tema: “O que você acredita que seja Deus?”. Nessa direção, são apresentadas 12 ideias sobre Deus e, paralelamente, 12 ideias contrapostas ao que foi colocado.

Figura 7 - “A questão de Deus”



Fonte: BRENIFIER, Oscar. A questão de Deus. Belo Horizonte: Autêntica, 2013 (p. 5-6; 27-28).

O diálogo apresentado na obra ilustra, portanto, um olhar reflexivo para o que alguns acreditam e sobre o que outros pensam, na tentativa de que o leitor chegue às suas próprias conclusões. Por exemplo:

Alguns pensam que Deus existe, que ele é um ser de verdade, com personalidade e história. Outros acreditam que Deus é uma ideia que serve para a gente explicar a origem do mundo quanto os mistérios da vida e da morte. Alguns pensam que existe apenas um Deus, único e todo-poderoso, mesmo que seu nome varie conforme as crenças. Outros acreditam que existem inúmeros deuses, com natureza e poder próprios. [...] E você? (BRENIFIER; DESPRÉS, 2013, p.03-05)

O livro *A questão de Deus*, escolhido pela professora Celeste, partiu da necessidade de discutir sobre um assunto que, segundo ela, estava intrigando as crianças em outras rodas de história. Predominantemente cristã, a maioria do seu grupo de crianças dizia acreditar em Deus e isso apareceria nas opiniões que formulavam ou em argumentos que justificavam certas posições. Assim, tal como relata, era comum ouvir das crianças dizendo, “porque Deus quis; Porque Deus não gosta; Porque não vai para o céu”.

Preocupar-se em escolher livros com temas que interessam às crianças demonstra sensibilidade da professora para perceber que seus pequenos leitores ficam motivados para conversar sobre textos e temas que contemplam suas expectativas. No entanto, como já pontuamos anteriormente, essa escolha também precisa estar comprometida com a qualidade da obra em seus aspectos textuais e gráfico-editoriais (TEBEROSKY; COLOMER, 2003; RITER, 2009).

Nesse sentido, apesar de o texto ser pouco imaginativo e/ou criativo, ele se comunica com as crianças. O livro traz ainda ilustrações que fogem do clichê das imagens sobre a figura divina, o que consideramos algo interessante.

Do nosso ponto de vista, portanto, a força do livro e seu potencial residem na capacidade de apresentar diferentes pontos de vista sobre o que seria Deus. As crianças podem encontrar semelhanças com suas ideias e podem conhecer outras diferentes, contribuindo dessa maneira para um diálogo significativo. Consideramos, assim, que mais do que propor questões a partir do livro, o caminho, nesse caso, pode ser acolher e ouvir as questões das crianças, como claramente propõe o autor: “E você?”, o que pensa a respeito de Deus?

Por que eu existo? (Bloco 3)

O livro nos apresenta Felipe, um garoto questionador e que a todo o momento faz perguntas difíceis para os adultos. Certo dia, aborda sua mãe com uma questão existencial: “Por que eu existo?” A mãe, muito ocupada, não tem uma resposta no momento e o menino, com ajuda do seu amigo imaginário e inseparável, o ursinho Zof, segue perguntando aos personagens que encontra: “Por que você existe, flor? Por que você existe, parede? Por que você existe, relógio?...” O mais interessante é que nessa jornada de perguntar o porquê da existência das coisas, Felipe compara as respostas dadas com as suas ideias sobre o assunto, ilustrando para o leitor a capacidade de refletir logicamente sobre o que é existir, sem a pretensão de chegar a uma definição exata e fechada.

Figura 8 Livro “Por que eu existo?”



Fonte: BRENIFIER, Oscar. Por que eu existo? 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2012, p. 2-3.

Trata-se, portanto, de um livro criativo e que pode provocar o pensamento imaginativo das crianças, já que o garoto conversa com um relógio, um grão de areia e outros objetos inanimados encontrados por ele em seu percurso. Além disso, nessa conversa, há ainda outro interlocutor, o seu ursinho Zof, que o ajuda a refletir a partir de seus contra-argumentos.

Vale destacar que, a seleção de um livro que aborda a “existência”, um tópico desafiador para qualquer idade, especialmente, para uma criança que existe há apenas 4, 5 ou 6 anos, revela que a professora confia na capacidade e interesse das crianças de pensar sobre temas complexos e de ouvir o que elas pensam a respeito.

Nesse sentido, assim como o livro anterior sobre a “Questão de Deus”, a obra “Por que eu existo?” solicita que o mediador faça menos perguntas e se disponha a ouvir os comentários das crianças durante a leitura, sem a necessidade de fechar a conversa com uma explicação única ou um conceito definitivo sobre o tema “existir”.

Como temos buscado argumentar, os livros selecionados pelas três professoras têm claramente potencial para instigar o pensamento criativo e crítico das crianças. E tal como enfatizado por diversos autores que fundamentam a nossa análise (HUNT, 2010; SÁTIRO, 2012; BAJOUR, 2012; NASCIMENTO, 2021), além de qualidades textual e gráfico-editorial, as obras selecionadas apresentam temas que instigam o pensamento das crianças. Em outras palavras, são livros que mobilizam perguntas para as quais não temos respostas prontas, deslocando as crianças e as suas professoras para novas possibilidades de ver o mundo, criando horizontes que podem estender suas reflexões e despertar novas ideias, maneiras de ler as pessoas, o mundo e as coisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos livros selecionados pelas participantes da pesquisa para leitura e conversa nas rodas de história, evidenciou o potencial das obras para ajudar as crianças e, por que não dizer, também as professoras a pensarem numa perspectiva crítica e criativa. Além disso, tal como indicou a análise encaminhada na seção anterior, os livros apresentavam projetos gráfico-editoriais de boa qualidade e ofereciam interessantes oportunidades para mobilizar reflexões sobre os textos e temas suscitados por eles.

Como também já discutimos anteriormente, além da imaginação, as obras selecionadas demandavam de seus leitores a produção de inferências e permitiam a elaboração de perguntas abertas para as quais não há respostas certas. Assim, pode-se afirmar que são livros que contribuem para as crianças aprofundem suas reflexões, despertando novas ideias e abrindo diferentes perspectivas sobre temas diversos.

Finalmente, ao defender a ideia de que os livros são artefatos que podem ajudar a pensar numa perspectiva crítica e criativa, e sem desconsiderar as necessidades das crianças e suas experiências de vida, esperamos contribuir com este artigo para qualificar a mediação de leitura na Educação Infantil. Assim, desde cedo, reforçamos a importância de trazer para as rodas de história, livros que cultivem a curiosidade e interesse das crianças de conhecer o mundo e de pensar sobre ele.

REFERÊNCIAS

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BARROS, Lúcia M; Fernando; AZEVEDO. Literatura Infantil e temas difíceis: mediação e recepção. In: KIRCHOF, Edgar R.; SOUZA, Renata J.; Literatura para crianças e jovens: temas contemporâneos, *Em aberto*, Brasília, v. 32 n. 105, p. 77-92, 2019. Disponível: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4210>
Acesso em 15 mai.24

BELMIRO, Célia A. Livro de imagens. In: FRADE, Isabel C. et al (Orgs) *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores*. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2016, s/p. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/livro-de-imagens>. Acesso em: 15 mai. 2024.

BRANDÃO, Ana Carolina P.; BEZERRA, Ana Raquel da R.; SILVA, Jane Rafaela P. Rodas de leitura na educação infantil: a formação de “leitores pensantes”. *Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade*, [S. l.], v. 30, n. 63, p. 310-326, 2021. DOI: 10.21879/faeaba2358-0194.2021.v30.n63.p310-326. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/7752>. Acesso em: dez. 2023.

BRANDÃO, Ana Carolina P.; ROSA; Ester C. de S. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. (orgs.) *Coleção Explorando o Ensino: Literatura/Ensino Fundamental*. MEC/SEB, 2010a, v. 20. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7841-2011-literatura-infantil-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192

BRANDÃO, Ana Carolina P.; ROSA; Ester Calland de S. Entrando nas rodas: as histórias na Educação Infantil. In: BRANDÃO, Ana Carolina P; ROSA, Ester C. S (orgs.) *Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b.

BRAZ, Júlio Emílio. *Meu primeiro amor*. São Paulo: Scipione, 2011.

BRENIFIER, Oscar. *A questão de Deus*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BRENIFIER, Oscar. *Por que eu existo?* 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2012.

BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho Amarelo*. 32. ed. Ilustração: Zivaldo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

CAVALCANTE, Nathalia de S. *Passarinhando*. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2009.

COELHO, Nelly N. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

DAVENIER, Christina. *Leo e Albertina*. São Paulo: Brinque-Book, 1998.

DUTHIE, Ellen; MARTAGÓN, Daniela. *Mundo cruel*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. (Série Filosofia Visual para Crianças).

GADOTTI, Moacir. *Escola cidadã*. 12. ed, São Paulo: Cortez, 2008.

HAYNES, Jay W.; MURRIS, Karin. *Picturebooks, pedagogy and philosophy*. New York: Routledge Research in Education, 2012.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

IBIAPINA, Ivana Maria L. de M. *Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos*. Brasília, DF: Líber Livro, 2008.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: Perspectivas de uma Antropologia Literária*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

LIPMAN, Matthew. *O pensar na educação*. Tradução: Ann Mary Fighiera Perpétuo. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOREYRA, Carlina; MORAES, Odilon. *O guarda-chuva do vovô*. 2. ed. São Paulo: Brochura, 2013.

NASCIMENTO, Bárbara Elyzabeth S. *Ensinando a argumentar nas rodas de história na Educação Infantil: algumas reflexões sobre a mediação docente*. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

NASCIMENTO, Bárbara Elyzabeth S. *Argumentação nas rodas de história: reflexões sobre a mediação docente na Educação Infantil*. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2012.

NASCIMENTO, Bárbara Elyzabeth S. *Educar para o pensar nas rodas de leitura: as interações dialógicas entre crianças e professoras da educação infantil*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

PIMENTA, Selma G.; FRANCO, Marília A. S. *Pesquisa em Educação: possibilidades investigativas/ formativas da pesquisa-ação*. São Paulo: Loyola, 2008. v. 2.

RICARD, Anouk. *Como gente grande*. Tradução: Graziela Marcolin. São Paulo: Hedra, 2007.

RITER, Caio. *A formação do leitor literário em casa e na escola*. 1. ed. São Paulo: Biruta, 2009.

SANTANA, Fabiana A. de; BRANDÃO, Ana C P. Como crianças leem livros de imagem?. *Revista Inter-Ação*, Goiânia, v. 41, n. 1, p. 165-188, 2016. DOI: 10.5216/ia.v41i1.36431. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/36431>. Acesso em: dez. 2023.

SÁTIRO, Angélica. *Brincar de pensar: com crianças de 3 e 4 anos*. Tradução: Romina Amorebieta, Luciano Barrionuevo e Guilherme Segu. São Paulo: Ática 2012.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. *Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista*. Tradução: Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. 7. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

YUNES, Eliana. *Pensar a Leitura: complexidade*. 2. ed.; São Paulo: Loyola, 2005.

ZEICHNER, Kenneth M. *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa, 1993.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed., São Paulo: Global, 2003.

Recebido em: 29/03/2024

Aceito em: 01/04/2024

Publicado em: 30/08//2024